



A MANIFESTAÇÃO DA FESTA DE PESSACH EM SEU ESPAÇO E TEMPO DE TRADIÇÃO, IDENTIDADE E SIMBOLISMO

■ PRISCILLA RÚDIS MOTA DA SILVEIRA*

RESUMO

ESTE ARTIGO É O RESULTADO DE UM ESTUDO ACERCA DA FESTA DE PESSACH E RESSALTA A IMPORTÂNCIA DESTA PARA A MANUTENÇÃO DAS TRADIÇÕES JUDAICAS NO IMAGINÁRIO SOCIAL E COLETIVO DOS JUDEUS CONTEMPORÂNEOS, AGINDO COMO UM INSTRUMENTO FUNDAMENTAL PARA REAFIRMAR SEU PASSADO, SUAS ORIGENS E SUA FÉ.

PRIVILEGIAR A FESTA COMO CATEGORIA DE ANÁLISE DA GEOGRAFIA CULTURAL É RELEVANTE, POIS É INDISCUTIVELMENTE UM EVENTO CULTURAL, PRESENTE NAS MAIS DIVERSAS SOCIEDADES, EXPRESSANDO A NECESSIDADE DE DETERMINADOS GRUPOS DE SE CONECTAREM A UMA ORDEM TRANSCENDENTE QUE ESCAPE À DESTRUTIVIDADE DA TEMPORALIDADE PARA SE APROXIMAR DA ORIGEM. NESTE SENTIDO, A FESTA DE PESSACH É O PONTO DE PARTIDA DO ESTUDO PARA COMPREENDER A CULTURA JUDAICA E A FORMA PELA QUAL ESTA CULTURA É VIVENCIADA, CONTRIBUINDO ASSIM PARA UM ENTENDIMENTO MAIS AMPLO DE SUAS TRADIÇÕES, BEM COMO DA IMPORTÂNCIA DESTAS TRADIÇÕES PARA A MANUTENÇÃO DA ORDEM PRÉ-ESTABELECIDADA TRANSMITIDA ÀS GERAÇÕES FUTURAS.

PALAVRAS - CHAVE: TRADIÇÃO; CULTURA; FESTA

INTRODUÇÃO: CONHECENDO A FESTA

Pessach é uma das festividades mais antigas do calendário judaico. Com mais de 3.300 anos, trata-se de um feriado de origem bíblica com oito dias de duração e marca o nascimento dos judeus como povo e seu surgimento como nação.

Esta data, sagrada para os judeus, celebra o mais importante evento de sua história: *a redenção de sua escravidão no Egito e a saída desta terra*. O êxodo do Egito tornou-se o ponto central na história judaica, pois forjou sua identidade e marcou o nascimento dos judeus como povo livre, regulamentando suas crenças e cristalizando o judaísmo enquanto religião.

Existe um conjunto de normas relativas à festa de Pessach que todos os judeus observantes devem seguir, conforme suas escrituras sagradas. Algumas dessas normas sofreram alterações através dos séculos, como é o caso do sacrifício do cordeiro, que os judeus eram obrigados a fazer no Shabat, ritual semanal realizado às sextas-feiras, que antecede a festa de Pessach, chamado de *"O grande Shabat"*, e o jejum que todos os judeus primogênitos faziam um dia antes da festa, para rememorar o dia em que os primogênitos de Israel foram poupados da décima praga do Egito, a qual determinava que todos os primogênitos egípcios deveriam morrer. Pelos ensinamentos da Torá, o *anjo*

da morte passou pela casa dos hebreus e os livrou da morte. Passar em hebraico é Pessach, assim a origem do nome da festa foi preservada. Outras regras e normas permaneceram imutáveis, especialmente aquelas vinculadas à preparação e à ordenação do jantar de Pessach.

E Deus disse a Moisés: Este mês será para vocês o começo dos meses; será o primeiro mês do ano para vocês. Vá e fale a toda a congregação de Israel: No décimo dia deste mês, cada homem deverá tomar um cordeiro, conforme a casa de seus pais, um cordeiro para cada família; e deverá mantê-lo até o décimo quarto dia do mesmo mês; e toda a assembléia da congregação de Israel deve abatê-lo ao anoitecer. Comerão a carne naquela noite, tostada ao fogo, com pão ázimo; comê-lo-ão com ervas amargas (...) E quando eu vir o sangue, passarei sobre vocês, e não haverá praga que os destrua, quando Eu golpear a terra do Egito. E este dia será para vocês um memorial, e deverão celebrá-lo como uma festa do Senhor, através de todas as gerações (Êxodo 12:16).

Na passagem supracitada fica clara a importância da festa de Pessach, até mesmo na montagem do calendário judaico, pois designou-se que a saída do Egito marcaria o início do ano, simbolicamente o início de uma nova vida para um povo livre.

A festa de Pessach começa ao pôr-do-sol do décimo quarto dia do mês judaico de Nissan, equivalente ao mês de abril do calendário cristão. Há três preceitos básicos e obrigatórios a todos os judeus.

O primeiro é a proibição de beber, comer ou ter posse de qualquer alimento fermentado, levedado ou feito de cereal durante os oito dias de duração da festividade.

O segundo é a obrigação de comer Matzá, também chamado de pão ázimo.

O terceiro é a celebração do Sêder (jantar) em casa, em cuja ocasião toda a história de Pessach é recordada pelo ritual da recitação e do canto.

Vejam agora o simbolismo dos elementos utilizados durante a festa de Pessach.

A comida, utensílios de cozinha, pratos e objetos que contenham "chametz" (fermento) devem ser retirados da casa. A razão para esta limpeza é buscar o cumprimento de um mandamento específico: "Ao primeiro dia tirarás o chametz de vossas casas" (Êxodo 12:15).

A proibição absoluta aos judeus de ter pão em casa durante estes oito dias serve para lembrar o período de sua libertação do cativeiro, pois durante a saída dos hebreus do Egito não houve tempo para a fermentação do pão. A exemplo do pão ázimo, todos os símbolos da festa de Pessach, servem a um único propósito: o de relembrar a cada judeu o seu passado, a sua história e a aliança selada entre Deus e os hebreus durante os anos de peregrinação no deserto. Este resgate de memória fica evidente na fala de Milton Blay (1998):

Havia algo diferente, que eu não saberia descrever; algo que me fascinava. A começar pelo pão ázimo; o osso queimado; os ovos cozidos mergulhados em água salgada; a raiz forte; aquele copo de vinho a espera da passagem do anjo. Havia ali, naqueles pedacinhos de tradição, uma história mágica, um fio condutor que nos fazia viajar no tempo e no espaço.

Blay (1998) nos demonstra com sua revelação do sentir a fé e a identidade judaica na festa de Pessach: *Naquela mesa estava minha família, minha vida, minha história. Uma história que não era só minha, que pertencia a toda humanidade. Percorria a mesa de Pessach como um livro, que contava através de cada um daqueles símbolos um lado da vida: a sorte e o azar; o destino; a arrogância e a modéstia; a maldade e a bondade; a beleza e a feiúra; a traição e o respeito; o amor e o ódio; a luta pelo direito de existir; a liberdade contra a escravidão. Estava tudo ali, ao meu alcance. A história da humanidade reduzida a uma mesa, a mesa de minha casa.*

A mesa perde sua paisagem do cotidiano e ganha a paisagem pretérita, mas decodificada apenas para os que conhecem a fé judaica. O lugar sagrado é recriado. Esta pesquisa representa o estudo da cultura judaica, e os símbolos deste tempo de festa são analisados pela abordagem da geografia cultural; o ver e o sentir da festa permitem reconhecer o conjunto das tradições judaicas, transmitidos de geração em geração até os dias de hoje.

TRADIÇÃO E IDENTIDADE POLÍTICO-RELIGIOSA DO POVO JUDEU: BREVES REFLEXÕES

O estudo da festa de Pessach vai além de considerações unicamente religiosas, restringi-lo a este tipo de enfoque limitaria aspectos mais complexos e amplos no concernente à formação cultural, antropológica e sociológica do povo judeu. Não pretendo neste estudo dissertar sobre cada uma destas temáticas. Todavia gostaria de iniciar com indagações para discussões futuras, que podem frutificar no campo da geografia cultural, ponto central deste trabalho.

O fato de os judeus criarem uma identidade específica e independente antes da maioria dos povos da antiguidade e manterem-na até o presente, nos leva a questionar se sua coesão contínua reside na sua essencial imutabilidade, em sua adaptabilidade, ou em ambas as coisas. Os judeus penetraram em diversas sociedades. No entanto, nunca perderam contato com a sua origem genuína. Portanto não seria exagero

atribuir a longevidade de sua cultura ao apego às suas tradições e ao modo como estas tradições são transmitidas de geração em geração, arraigadas de tal maneira que permanecem vivas no imaginário social coletivo dos judeus contemporâneos. Neste contexto, cabe trazer à luz deste estudo o conceito elaborado a respeito de cultura no sentido geográfico. O conceito antropológico de cultura é redefinido pelo geógrafo Paul Claval e apresentado no editorial do número 1 da revista *Géographie et Cultures*, e retomado pelo professor Corrêa (1999). Para ambos a cultura é definida: (a) como um “conjunto de técnicas, atitudes, idéias e valores”, apresentando assim “componentes materiais, sociais, intelectuais e simbólicos”; (b) transmitido e inventado”; (c) não sendo constituído pela “justaposição de traços independentes” mas, ao contrário, “seus componentes formam sistemas de relações mais ou menos coerentes; “(d) não sendo assimilado igualmente pelos membros de uma sociedade; (e) vivido individualmente.

Com tal renovação o tema cultura inclui novas perspectivas para estudos geográficos. Religião, tradição e identidade estão entre as temáticas as quais iremos retornar neste estudo.

Iniciamos por reconhecer que a categoria de tradição tem sido frequentemente abordada pela ciência histórica, e foi dentro desta temática que Hobsbawm e Ranger elaboraram o trabalho *A invenção das tradições*, no qual Hobsbawm formula o conceito de “tradição inventada”, analisado por Maia. Hobsbawm ressalta que tradição é:

Conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através de repetição, o que implica automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado (Hobsbawm apud Maia, 2002, p.16).

O repetitivo simbólico e a continuidade do passado histórico serão abordados no estudo da festa de Pessach.

São pertinentes algumas ressalvas à abordagem de Hobsbawm no que se refere ao conceito de tradição inventada. Para alguns antropólogos a tradição inventada é uma redundância, considerando que todas as tradições são inventadas (Maia, 2002).

Este autor aponta outra crítica concernente ao conceito de tradição inventada - a de Porto - como ressalta Maia em seu estudo:

Porto (1997, p. 20-2), por outro lado considera que as tradições em Hobsbawm carecem de dinamismo e contextualização, criticando, por tabela, a distinção que este estabelece entre tradição (invariável) e costume (dinâmico) (Maia, 2002:, p. 17).

No caso específico de nosso objeto central de estudo da tradição judaica e da festa de Pessach, esta crítica não se aplica, isto ocorre porque a festa tem muito mais de invariabilidade do que de dinamismo.

De acordo com as análises de Maia (2002), as críticas de Bann ao conceito de Hobsbawm, foram mais incisivas e declara:

Implícita em sua abordagem está a visão de que a “tradição” incorpora uma espécie de falsa consciência. Ela foi “inventada” no sentido pejorativo do termo, quer dizer, saiu do nada para servir a propósitos estritamente funcionais (Bann apud Maia, 2002, p.17).

E as análises de Maia seguem:

Contra esta tradição “inventada” ou história falsificada, o discurso dos colaboradores situa-se evidentemente como história no sentido adequado: a história que discrimina magistralmente entre o que está certo e o que está errado” (Bann apud Maia, 2002, p.17).

De acordo com as citações, as formulações de Hobsbawm colocam a tradição num papel meramente institucional, e considerar este tipo de abordagem em relação à festividade de Pessach, por exemplo, é ter uma visão simplista da festa enquanto fenômeno cultural.

Para nossa revisão teórica trabalharemos com o conceito de festa. As festas são rituais comemorativos

que representam tempos de convivência social. Em certos aspectos da realidade são “ momentos extraordinários marcados pela alegria e por valores que são considerados altamente positivos” (Da Matta, 1983, p.40 apud Maia, 1999).

Obviamente que em alguns casos a tradição acaba servindo a interesses políticos, éticos e morais. Friedrich aponta alguns pontos interessantes quando demonstra os elos que existem entre tradição e autoridade na teoria política afirmando que a tradição possui uma função vital no corpo político, uma vez que

Proporciona a base de muita comunicação e de argumentação integrativa eficaz. Essa função tem feito com que a tradição, na perspectiva normativa, tenha sido subestimada ou superestimada. Tem sido subestimada em períodos revolucionários e superestimada em períodos pós - revolucionários. O fato, na verdade, é que a tradição varia na sua importância para o processo político, tanto em tempo quanto para grupos diferentes (Friedrich apud Maia, 2002, p.18).

Existe ainda um ponto importante na obra de Friedrich, no qual o autor ressalta a diferença entre tradição e tradicionalismo, destacando “(...) que a persistência da tradição por muitas gerações não se confunde com “ideologia”, entretanto, a postura do tradicionalismo pode transformar-se numa ideologia” (Friedrich apud Maia, 2002, p.18).

A tradição pode ser encarada como uma visão de mundo, enquanto a formulação tradicionalista é reacionária e intencionalmente hermética a mudanças. No caso específico da festa de Pessach, a tradição judaica é a alma da festa e dita regras, normas e costumes flexíveis, até certo ponto, como forma exterior de regular o culto, a cerimônia. Enquanto a conduta tradicionalista fica a cargo dos judeus ortodoxos que se mantêm bastante rígidos e inflexíveis a qualquer mudança no curso da festa, exatamente por serem os ritos da festa uma ordem de poderes que aproxima os indivíduos e os revigoram na comunidade. Em ambos o político-religioso estão unidos.

Outro aspecto importante que merece destaque é o caráter simbólico da tradição por meio do qual esta

cumprir um papel de coesão entre determinados grupos e aprimora a ação coletiva conferindo certa estabilidade ao comportamento social como afirma Hatzfeld:

O caráter repetitivo da produção e da transmissão das informações simbólicas permitem que a regulação social seja possível e que o comportamento humano não seja afetado por uma transitoriedade insuportável para a vida do grupo. Não vemos sociedade que possa sobreviver a uma mudança demasiado rápida dos seus próprios discursos (Hatzfeld apud Maia, 2002, p.19).

Nesta reflexão, a tradição é o complemento das práticas humanas, no caso, a festa. A tradição regula a festa e a festa lhe fornece a razão de existir. Este é o mecanismo que proporciona longevidade à tradição. A dialética está presente.

Ainda de acordo com Hatzfeld, cada sociedade tem a sua tradição, pois esta “depende da coexistência de fatores específicos que a marcam, tal como ela os marca a eles” (Hatzfeld apud Maia, 2002). Portanto, existe uma relação dialética, dinâmica e contínua entre tradição e sociedade. Em seu discurso, Hatzfeld afirma que por trás das tradições existem muitas coisas, tais como símbolos, significados, significantes, códigos e realidade imediata, e levanta uma questão relevante: a tradição possui porta-vozes oficiais, “guardiões” que podem ser seguidos de forma incontestada, ou podem ser replicados - o que pode gerar ruptura. Em nossa pesquisa, no caso do judaísmo, esses “guardiões” das tradições são os Rabinos - sacerdotes especializados - via de regra, não encontram resistência, com exceção da vertente reformista da religião judaica, que não é expressiva a ponto de promover a ruptura na tradição, nem tão pouco mudanças na forma pela qual esta tradição é transmitida.

Outra abordagem importante no concernente à tradição é a memória social que “diz respeito à organização do passado pelo presente” (Giddens apud Maia, 2002), uma vez que o passado é continuamente reconstruído a partir do presente.

Desse modo a memória é um processo ativo, social, que não pode ser apenas identificado como lembrança. Nós reproduzimos continuamente memórias de acontecimentos

ou estados passados, e estas repetições conferem continuidade à experiência. (...) Por isso, podemos dizer que a tradição é um meio organizador da memória coletiva. (...) A "integridade" da tradição não deriva do simples fato da persistência sobre o tempo, mas do "trabalho" contínuo de interpretação que é realizado para identificar os laços que ligam o presente ao passado (Giddens apud Maia, 2002, p.26).

É nesse contexto que podemos identificar a tradição judaica como um eterno retorno às origens históricas, que no presente passam a delimitar e nortear o futuro. Na tradição judaica, o passado sempre foi a diretriz de códigos éticos e morais, e a festa de Pessach é uma expressão clara disto.

Nossas idéias se confirmam no pensamento de Cosgrove (1999) que afirma que espaço, tempo e memória desafiam a imaginação geográfica e, conectados com o simbolismo que possuem, parecem coincidir com o desejo crescente de comemorar eventos e reforçar ativamente a memória social do grupo.

Nas ciências humanas, já foi muitas vezes escrito que a festa não se resume à festa. É uma cerimônia cultural, um resgate do passado, onde a individualidade é transcendida em favor de uma consciência coletiva, uma identidade político-religiosa.

É comum na maioria das comunidades religiosas que a compreensão da festa represente um tempo sagrado de reflexão e práticas rituais. Isto ocorre para compreensão e explicação de suas origens. O judaísmo não é diferente e a festa de Pessach é emblemática e fundamental, uma vez que entender o espaço-tempo sagrado de Pessach é compreender a história judaica. Assim, no próximo ponto, iremos relembrar as origens que norteiam a festa de Pessach. O êxodo do Egito, com mais de 3.300 anos, foi o episódio que marcou o nascimento do povo judeu e forjou sua identidade e suas crenças. Vejamos, então, êxodo, memória e identidade.

ÊXODO, MEMÓRIA E IDENTIDADE

O êxodo dos judeus está envolvido em tantos mitos que, por vezes, nos esquecemos do fato puramente físico da bem sucedida fuga de um povo

escravo de seu jugo, primeiro caso de tal natureza registrado na antigüidade. Sendo assim, fica claro que o êxodo é acima de tudo um ato religioso, mas também de separação e resistência política.

O êxodo tornou-se uma lembrança dominante, que gradualmente substituiu a própria criação como fato central determinante na história judaica. Conforme mencionou Johnson:

Alguma coisa aconteceu nas fronteiras do Egito que persuadiu as testemunhas oculares de que houve uma intervenção direta e decisiva de Deus no destino deles. A forma pelo qual foi contada e escrita convenceu as gerações subseqüentes de que essa singular demonstração do poder de Deus a favor dos hebreus era o acontecimento mais notável em toda a história da nação (Johnson, 1995, p.37).

O episódio que salvou os judeus da fúria do Faraó e que lhes pareceu uma redenção divina foi tão estupendo que se tornou para eles e para sua descendência a dinâmica de toda a sua existência espiritual e explica a sua importância na memória social dos judeus, pois, segundo Cosgrove,

Nos estudos culturais, a história é substituída pelo passado, pela memória e então trazida para sua íntima conexão com o presente e o futuro. A memória e o desejo constituem a temporalidade através da qual os lugares emergem como fenômenos vividos e significativos. Uma série de estudos recentes, tanto na geografia cultural, quanto na história, revelou o grau em que a memória é social tanto quanto individual. As relações sociais da memória (são) a memória das relações sociais (Cosgrove, 1991, p.23).

Comungo com o pensar do autor e reconheço sua aplicabilidade no caso do estudo da comemoração da festa de Pessach, que é puramente um resgate da memória social dos judeus, trazida para o presente e guardada às futuras gerações para que se lembrem de suas origens ancestrais e a perpetuem, sob a forma de tradições, conforme já foi visto no capítulo anterior. A repetição de cada tempo sagrado de festa, garante aos judeus a perpetuidade de sua cultura religiosa incluindo

aqui as manifestações materiais - objetos e coisas - e as manifestações não materiais - a fé judaica.

Neste processo de nascimento de uma nova religião surgiu, como uma nova etapa o monoteísmo na sociedade da época, no qual um Deus único e onipotente, movido por princípios éticos e morais, impunha um novo viver aos seres humanos. Este fato é um dos grandes marcos históricos desta época. Pode-se ter a idéia de quanto foi importante este episódio no processo religioso ao considerar-se a cosmovisão egípcia que os hebreus rejeitaram. Não obstante, essa fase foi de importância crucial no processo de evolução de sua cultura político-religiosa, transformando-se no marco central de sua história e tradição que permanecem até os dias de hoje, posto que foi reconhecido pelos judeus, os quais viram emergir, pela primeira vez, em esplendor transcendente, o caráter do Deus único, que eles já adoravam e do seu poder para livrá-los do império Egípcio. E, mais forte que isto, para dar-lhes uma terra fértil e própria - *a Terra prometida* - e com a promessa de uma nova vida.

Outro aspecto importante neste evento religioso - o êxodo do Egito - foi a ligação íntima que os hebreus desenvolveram com o lugar/espço - deserto do Sinai - vivenciado durante os quarenta anos de peregrinação, que forjaram laços emocionais com o lugar. Para nós, geógrafos, o lugar e o espaço são conceitos teóricos de conhecimento geográfico. Em nossa análise iremos utilizar o conceito de lugar. Isto ocorre por ser o nosso objeto central deste artigo a festa, seu lugar e tempo de celebração na tradição judaica. Inicialmente iremos reconhecer a base teórica do lugar pelos estudos de Yi-Fu-Tuan que ressalta: "O espaço transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significado" (Tuan, 1983). Assim, não podemos esquecer que, durante a longa jornada dos hebreus a caminho da *Terra prometida*, seus rituais e suas cerimônias religiosas eram realizados no deserto. A seqüência dos rituais qualificava aquele espaço banal, cotidiano, com significância religiosa de lugar. Isso ocorreu devido a sua contínua peregrinação através do deserto e foi o preâmbulo para a *Terra Santa* - o lar efetivo - um paraíso de onde jorrava leite e mel. Os relatos nos afirmam que viveram aproximadamente 38 anos em situação semi-nômade

com paradas e rituais de sacralização no espaço (Johnson, 1995).

O geógrafo Tuan, em seus estudos, nos afirma que:

O mundo nômade, consiste em lugares conectados por um caminho. Os nômades que estão frequentemente se deslocando, têm um sentido intenso de lugar? É bem possível (...) Os nômades descansam e acampam quase que nos mesmos lugares (pastagens e cacimbas); os caminhos que seguem também mostram poucas mudanças. Para os nômades as exigências cíclicas da vida produzem uma sensação de lugar em duas escalas: os acampamentos e o território muito maior no qual se movimentam. Pode ser que os acampamentos sejam para eles os lugares mais importantes, conhecidos mediante a experiência íntima, ao passo que o território percorrido pelos nômades lhes parece indistinto porque não tem uma estrutura tangível (Tuan, 1983, p.200).

Estas palavras de Tuan levam-nos a refletir que é possível aos povos nômades e semi-nômades experienciar o sentido simbólico de lugar de forma particular e singular como aconteceu com os hebreus durante sua longa jornada no Sinai. Apesar de os hebreus não possuírem a tradição nômade, adaptaram-se à nova situação com rapidez, como ressalta Johnson:

Reflete também uma extraordinária adaptabilidade do povo, uma grande perícia em arraigar-se com rapidez, em retirar suas raízes e em restabelecê-las em outro lugar, uma admirável tenacidade de propósito independentemente do cenário. Como Baron o formulou, o poder étnico e religioso da perseverança, mais do que o poder político da expansão e conquista, tornou-se a pedra angular da crença e da prática judaicas. Não obstante, deve ser novamente sublinhado, que os israelitas embora inclinados ao desassossego, não eram nômades do deserto por origem ou inclinação (Johnson, 1995, p.53).

Os laços afetivos dos hebreus com o Sinai foram profundos e perpetuaram-se até os dias de hoje, quando, durante a comemoração de Pessach, o passado e o deserto são lembrados, através da dieta alimentar e dos rituais religiosos transmitidos às gerações futuras. O deserto de Sinai foi o berço da identidade de uma nova nação e do despontar de uma religião milenar. Não podemos ignorar o fato de que foi no deserto que ocorreu a separação, ordenação e hierarquização das doze tribos que, em teoria, iriam compor a futura nação. São elas: Rubens, Levi (Simeão), Israel, Issacar, Zebulão, Benjamim, Dan, Neftali, Gad, Asber, Efraim, Manassés. Cada qual possuindo funções específicas e deveres pré-estabelecidos. A dimensão religiosa e política do deserto do Sinai foi de fundamental importância para o imaginário coletivo e a memória social dos judeus.

Baseado em Tuan (1983) e Johnson (1995) elaborou-se o gráfico Movimento, tempo e lugar. Este gráfico demonstra que os hebreus tinham o objetivo de rota linear com uma relação espaço-tempo relativamente curta. Caso os hebreus tivessem seguido continuamente sua rota, chegariam a Canaã em cerca de cinco meses, contudo, receberam o castigo de vagar no deserto durante 40 anos e por causa desta penitência iniciaram a movimentar-se em círculos numa rotina de criar e recriar lugares sagrados, à espera da permissão para enfim entrar na Terra prometida.

Os lugares conectados por um caminho representavam paradas fixas para descansarem e fortalecerem seus ideais. Dizemos fixo por tempos T1, T2, e sucessivamente, o tempo delimitado pelos hebreus em sua trajetória de peregrinação no deserto. Em cada parada era repetido um ritual alimentar e de fé como ainda se faz. A comunidade judaica não mais se desloca para o Monte Sinai, ela lembra o episódio ocorrido no tempo passado em cerimônias domésticas por ocasião do tempo sagrado.

É possível, pelas leituras realizadas, identificar a hierofania - manifestação do sagrado - durante a passagem dos hebreus no deserto. Estamos nos referindo à entrega dos Dez Mandamentos ao profeta Moisés. O relato do acontecido diz que, depois de quarenta dias da saída do Egito, os hebreus acampam na base do Monte Sinai. Moisés sobe a montanha e lá passa mais quarenta dias e quarenta noites meditando em contato

com o divino. Ali recebeu de Deus *duas tábuas* com as *dez leis talhadas a fogo*. Foi no Monte Sinai que ocorreu a hierofania, a materialização do sagrado e a consagração daquele espaço.

Moisés, Moisés! Não te aproximes.

Tire seus sapatos porque o lugar em que estás é sagrado.

Eu sou o Deus do teu pai, o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacob (Êxodo 3:4-14).

O destaque do sentido de sagrado é abordado por Rosendahl (1996, p.64):

No estudo elaborado por Tuan (1979) o sagrado é tudo que se destaca do lugar comum e da rotina. Naturalmente nem tudo que se destaca espacialmente é espaço sagrado e nem toda interrupção da rotina é uma hierofania. A palavra sagrado significa separação e definição, sugere sentido de ordem, totalidade e força. Sagrado por si só é um conceito religioso. Espaços sagrados são espaços qualitativamente fortes, onde o sagrado se manifestou.

Para essa geógrafa há inúmeros espaços sagrados em diferentes religiões e em múltiplas culturas. Ela ressalta que para a maioria das religiões o espaço sagrado expressa-se em áreas, mas nem sempre a natureza da experiência religiosa ocorre desta forma.

A escolha do local sagrado, como também os critérios e a complexidade dos rituais usados na seleção dos espaços não possuem, nos estudos geográficos, clara resposta do porquê (Rosendahl, 1999, p.234)

Em primeira análise o Monte Sinai parecia ser o espaço sagrado fixo, isto é, aquele que reconhecidamente possui uma territorialidade definida, porém, nos estudos de Park (1994), estamos diante do espaço sagrado móvel com o recebimento das tábuas da lei. Até então os hebreus acreditavam sim, num Deus único, onipotente e onipresente, contudo não tinham nenhum símbolo, imagem ou templo de materialização do sagrado, e parecem ter sentido falta deste apego físico e material ao sagrado. Isso fica nítido com o episódio do bezerro de ouro que os hebreus construíram durante a subida de Moisés ao Monte Sinai. Isso parece natural, uma vez que os hebreus tinham acabado de

deixar o Egito e se livrado da opressão secular de um povo politeísta que idolatrava imagens, um povo cuja fé estava intimamente vinculada à presença de símbolos e crenças. Os hebreus, apesar de monoteístas e crentes em um único Deus, podem ter sentido falta dos costumes egípcios que já estavam profundamente arraigados em sua visão de mundo. Por este motivo Deus os proíbe de entrar em Canaã com aquela geração de hebreus e os faz vagar no deserto por quase meio século, à espera de uma geração pura, sem vestígios e mazelas da influência egípcia entranhada através de mais de dois séculos de jugo e escravidão.

A liberdade conquistada no Egito não foi apenas a libertação da integridade física dos hebreus, mas também a liberdade religiosa de professar sua fé, sem influências exógenas.

Podemos afirmar, como Park o fez, que judaísmo apresenta o espaço sagrado móvel, materializado primeiramente nas tábuas dos mandamentos, posteriormente na arca da aliança, lugar onde as tábuas ficavam guardadas, e atualmente nos pergaminhos sagrados da Torá utilizados em rituais judaicos.

Como afirma o geógrafo Park:

Espaço sagrado para a maioria das religiões, significa espaços reais e bem definidos. Contudo para os judeus exilados, a noção de espaço sagrado não era necessariamente definida pelo território. Maier (1975) explora a idéia da Torá (que é o corpo das escrituras sagradas e tradições) como um território móvel e sugere que possa ter se desenvolvido como um substituto simbólico para a noção de território real. Isso explica como os israelitas administraram a existência de sua identidade política e religiosa durante milhares de anos de exílio, ele pontua: “ Quando o povo de Israel estava exilado, a Shekhina (alma de Deus) acompanhou-os como prova de que eles não estavam inteiramente abandonados por Deus (...) acompanhando o povo de Israel no exílio, a Shekhina - Torá era a promessa de seu eventual retorno, quando terra e povo, Torá e Deus, estariam reunidos em seu próprio espaço de moradia (Maier, 1975).

De fato os judeus carregavam seu espaço móvel com eles no exílio, que somente foi substituído por uma real definição de território no espaço nos séculos recentes (Park, 1994, p.112).

Nesta passagem, Park esclarece o que é e como se desenvolveu o espaço sagrado móvel para os judeus.

Outro ponto importante a ser comentado é o conceito de milenarismo da festa de Pessach. O milenarismo aparece como elo entre passado e presente, e como necessidade e desejo de afirmação de seu passado e de suas origens para a preservação de sua identidade futura, como destaca Cosgrove:

Os processos sociais de desterritorialização, transgressão e hibridização muitas vezes conectados com sentidos contingentes de lugar enquanto características definidoras do mundo contemporâneo, parecem coincidir com o desejo crescente de comemorar eventos e reforçar ativamente a memória social.

O milenarismo é um fenômeno útil a considerar em termos dos debates a propósito da geografia cultural e sua maneira de abordar o tempo, não somente porque coloca juntos o tempo e o lugar tão dramaticamente, mas também por causa do seu papel de eixo temporal entre o passado e o futuro” (Cosgrove, 1999, p.24).

Não fosse a veemente perseverança e obstinação dos judeus em vivenciar seu passado e proteger suas tradições transmitindo-as às gerações seguintes, a despeito de todas as dificuldades e obstáculos, existiriam até hoje as comemorações, rituais, idioma e fé judaicas? Creio que não. Digo isto porque como geógrafa reconheço a força do lugar, seu simbolismo religioso e a transcendência possível de ocorrer. Como vem ocorrendo a cada tempo sagrado nas casas dos judeus em cerimônia realizada por um feixe de símbolos e significados que refletem na organização da mesa o mesmo tempo sagrado imaginado pelos hebreus.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa nos levou a indagações para as quais procuramos respostas na literatura geográfica e na vivência da festa. A metodologia aplicada para obter

essas respostas se restringiram, portanto, à pesquisa de gabinete em sua maioria. Nossas considerações não finalizam aqui. Ao contrário, esta pesquisa representa o início de um estudo que visa a reconhecer a cultura judaica pelo viés geográfico e há várias manifestações culturais que poderíamos ter selecionado. O olhar geográfico recaiu na festa como manifestação de identidade e fé.

Conhecer a festa de Pessach é conhecer a história dos judeus e sua cultura. Neste estudo procuramos decodificar a representação espaço-temporal dos significados impressos no lugar e, dessa forma, reconhecer a identidade judaica fortemente marcada nestes 3.300 anos de existência da festa.

Não tive a pretensão, neste estudo, de me aprofundar nas características sociológicas e antropológicas da formação do povo judeu, embora reconheça ser este um tema rico para estudos futuros. Contudo, creio que tenha destacado a importância da festa - no caso específico, a festa de Pessach - para a manutenção e revigoração da cultura judaica, pois a festa promove o (re)conhecimento e a (re)afirmação da identidade religiosa de cada judeu, permitindo ainda que o indivíduo se reconheça dentro de um grupo maior, transcendendo o cosmos cotidiano em busca de seu passado e de sua história. Festejar é, portanto, reafirmar a condição de judeu.

* MESTRE EM GEOGRAFIA PELA UERJ SOB A ORIENTAÇÃO DA PROF^a. DR^a. ZENY ROSENDAHL; GRADUADO EM GEOGRAFIA PELA UERJ. E-MAIL: rudis2002@yahoo.com.br

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BLAY, M. Baruch ata adonai. *Revista Chabad news*, São Paulo, n. 269, ano XXV. Fev. 1998, p. 5-8.

BOLLE, W. As siglas em cores do trabalho das passagens de W. Benjamin. In: _____. *Fisiognomia da metrópole moderna*-Representação da história em Walter Benjamin. São Paulo: EdUSP, 1996, p. 55 - 73

BORGER, H. *Uma história do povo judeu*- De Canaã a Espanha. 2 ed. São Paulo: Séfer, 2001, p.15 - 38.

COHEN, A. Pessach: a festa da liberdade. *Revista Morasha*, São Paulo, n. 36, ano X: 27 - 30. Mar. 2002.

CORRÊA, R.L. Geografia Cultural: Passado e Futuro - uma introdução. In: _____. e ROSENDAHL, Z. (orgs) *Manifestações da cultura no espaço*. Rio de Janeiro, EdUERJ. 1999, p. 49 - 58.

COSGROVE, D. Geografia Cultural do Milênio. In ROSENDAHL, Z. e CORRÊA, R. L. (orgs) *Manifestações da cultura no espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ. 1999, p. 17 - 48.

JOHNSON, P. *História dos judeus*. 2 ed. Rio de Janeiro: Imago, 1995, p. 17 - 65.

MAIA, C.E.S. Ensaio interpretativo da dimensão espacial das festas populares. In: ROSENDAHL, Z. e CORRÊA, R. L. (orgs) *Manifestações da cultura no espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ. 1999, p.191 - 218.

MAIA, C.E.S. *Enlaces geográficos de um mundo festivo* - Pirenópolis: A Tradição cavaleiresca e sua rede organizacional. Tese (Doutorado em Geografia). PTGG, UFRJ -. Rio de Janeiro - 2002, p.15 - 30.

MEIR, M.M. *Torá: A lei de Moises*. 2 ed. Rio de Janeiro: Danúbio, 1980, p. 100 - 164.

PARK, C.C. *Sacred World: An introduction to geography and religionum*. London: Routledge, 1994, p. 162 -186.

ROSENDAHL, Z. *Espaço e religião: uma abordagem geográfica*, Rio de Janeiro. UERJ/NEPEC, 1 ed. EdUERJ, 1996.

_____. O espaço sagrado e o profano. In: ROSENDAHL, Z. e CORRÊA, R. L. (orgs) *Manifestações da cultura no espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ. 1999, p. 231 - 247.

TUAN, Y.F. *Espaço e lugar: A perspectiva da experiência*, tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983, p. 76 - 299.

WEITMAN, D. Celebrando Pessach. *Revista Morasha*, São Paulo, n. 36, ano X: 12 - 14. Mar. 2002.

ABSTRACT

THIS ARTICLE IS THE PRODUCT OF A STUDY ABOVE THE JEWISH CELEBRATION OF PESSACH, AND REVEALS HIS IMPORTANCE FOR A MAINTENANCE OF JEWISH TRADITIONS ON THE SOCIAL AND COLLECTIVE CONTEMPORARY JEWS IMAGINARY, ACTING LIKE A FUNDAMENTAL TOOL IN ORDER TO REAFFIRM THEIR PAST, THEIR ORIGINS AND THEIR FAITH. TO PRIVILEGE THE FESTIVITY AS AN ANALYSIS CATEGORY OF CULTURAL GEOGRAPHY IT 'S OUTSTANDING, BECAUSE IT 'S A CULTURAL EVENT, PRESENT ON SEVERAL SOCIETIES, EXPRESSING THE NECESSITY OF DETERMINATED GROUPS TO CONNECT ON A TRANSCENDENT ORDER THAT ESCAPE OF THE TEMPORALITY DESTRUCTION TO BRING CLOSER OF HIS ORIGINS. THIS WAY, THE PESSACH CELEBRATION IT 'S THE START OF THIS STUDY TO UNDERSTAND THE JEWISH CULTURE AND THE WAY THROUGH THIS CULTURE IS LIVING, GIVING THE CONTRIBUTION FOR A GREATEST UNDERSTAND OF THEIR TRADITIONS, AS THE IMPORTANCE OF THESE TRADITIONS FOR THE MAINTENANCE OF A PREVIOUS ESTABLISHMENT PASSED TO THE FUTURE GENERATIONS.

KEY WORDS: TRADITION; CULTURE; CELEBRATION